

O Cântico Congregacional e o Ministério da Palavra

Leonard R. Payton

A Música e a Palavra

A igreja tem passado por modismos de urgências. Um passeio casual por qualquer livraria cristã a cada poucos anos demonstra de maneira satisfatória este padrão.

O assunto do momento há cerca de duas décadas era se o anticristo pousaria ou não na União Soviética. Agora tais livros podem ser comprados em sacolões de desconto dos distribuidores de livros cristãos.

Francis Schaeffer falou da tendência à paz e enriquecimento pessoal, antecipados por ele ao observar que o idealismo do final dos anos 1960 estava deixando de cumprir suas promessas. Vimos este hedonismo predito em nosso país alcançar um pico máximo nos anos 1980 e na comunidade cristã este fenômeno desencadeou um dilúvio de literatura de auto ajuda. Houve programas cristãos com doze passos para cada vício imaginável e cinquenta outros além destes. Os prolíficos autores da psicologia cristã só foram superados pelos autores de contos de romance os quais, aliás, parecem estar criando a nova tendência para as publicações cristãs. Nós batizamos institucionalmente o rock'n'roll nos anos 80; agora estamos unguindo contos de Arlequim nos anos 90.

Tão motivador quanto psicologia, guerra espiritual e contos de romance cristãos, provavelmente nada mais tem inflamado tanto a igreja atualmente quanto a música de adoração. Somos uma cultura virtualmente [1] formada por nossa música, e a igreja visível não está imune a esta tendência. De fato, a igreja frequentemente parece abraçá-la com prazer. Allan Bloom disse que "embora os estudantes não tenham livros, com toda certeza eles têm música." [2] Em minha própria pesquisa em quarenta catálogos e anúncios de colégios cristãos encontrei muito mais imagens de um walkman do que representações da cruz. Se estas escolas são um indicador confiável - e suspeito que sejam - um corolário razoável da observação de Bloom pode ser expresso como "Embora os cristãos não conheçam suas Bíblias, eles certamente têm suas preferências na música de adoração."

Somos um povo definido por nossa música. Lutamos por ela em nossas igrejas. Mudamos de congregação por causa do estilo da música de adoração, com pouca preocupação a respeito de qual seria a teologia da nova ou da antiga congregação. Denominações inteiras se envolveram em problemas por causa do estilo da música de adoração, sem um resultado agradável à vista.

Nós, como diretores de música e ministros de louvor, somos principalmente administradores de uma multiplicidade de atividades com exigências cada vez maiores por diversidade. Alguns de nós estamos intoxicados pelo aparente poder que exercemos. Afinal de contas, música bem executada, espetáculos com grandes grupos musicais e grandes públicos assistindo, tocam algum tipo de desejo por glória em todos nós. A vida pós-moderna é muitas vezes tão cinza e fútil que alegremente escapáramos para a glória do quarto capítulo do Apocalipse a cada Domingo. [a] Exigimos que a música sirva a este objetivo e, se não pudermos fabricar essas condições por nós mesmos, gastaremos consideráveis somas em tecnologia, na esperança de alcançar pelo menos uma glória virtual.

Não existe nada de intrinsecamente errado com uma música bem executada, os grandes grupos musicais e a audiência de grandes públicos. Mesmo assim, existe um segundo grupo de músicos de igreja que sente que estamos em um trem desgovernado indo direto para uma ponte quebrada. Faço parte deste último grupo e o meu propósito principal com este ensaio é encorajar as autoridades eclesiásticas e os leigos conscientes a que reflitam com sobriedade sobre a crise que está diante de nós e insistir, dentro de suas esferas de influência, para que sejam buscados princípios bíblicos abrangentes em apoio a cada detalhe da música de adoração. De fato, a crise é que as autoridades eclesiásticas, embora reconhecendo que a música é importante para a vida congregacional, geralmente não conseguem ver que seu papel bíblico a coloca diretamente dentro do ministério da Palavra como parceira da pregação. Pois, como o apóstolo Paulo nos disse, a forma como a palavra de Cristo habita *ricamente* em nós, com toda a sabedoria, é que ensinemos e admoestemos uns aos outros *com salmos, hinos e cânticos espirituais* e que cantemos a Deus com gratidão em nossos corações *com salmos, hinos e cânticos espirituais*. [3]

Nós, os músicos da igreja, provavelmente não iremos liderar o avanço nesta obra, simplesmente porque corremos por sete dias em uma esteira perpétua, ficando com nossas línguas de fora. Há pouco tempo para sair dessa esteira e, de fato, esta pode ser a maneira que muitas das nossas congregações subconscientemente preferem que seja. A preocupação de nossas congregações é que as façamos sentirem-se de uma determinada forma quando vêm à igreja. Na incerteza desenfreada do mundo pós-moderno, o entendimento dos membros da igreja é que eles desejam estabilidade na vida da igreja (embora afirmemos que desejamos diversidade). Se nós, os músicos da igreja, pararmos por um momento, percebendo o quanto a música está inserida no ministério da Palavra, poderíamos alterar as nossas práticas de uma forma que iria perturbar o bem estar geral.

A tarefa de trazer princípios bíblicos abrangentes para a música de adoração será difícil, porque a alfabetização musical da nossa cultura está no nível mais baixo de todos os tempos, embora ouçamos mais música em nossa existência diária do que já o fizemos em qualquer cultura anterior à nossa. Temos que entender tanto de Bíblia quanto de música. O músico com uma aljava cheia de habilidades musicais estará na melhor posição para implementar as mudanças necessárias. Simplesmente não existem substitutos para as habilidades musicais desenvolvidas arduamente, e elas só ocorrem após milhares de horas contínuas de estudo. [4] Se quisermos recuperar a autoridade das Escrituras em nossa adoração, então devemos também recuperá-la na nossa música, a qual é um elemento importante da adoração centralizada em Deus, e que está em conformidade com o princípio *sola scriptura*. Da mesma forma como os reformadores do século dezesseis deram uma maior atenção a esta área, assim também devemos proceder. De fato, foi Martinho Lutero quem disse, "Não deveríamos ordenar jovens como pregadores, a menos que sejam bem exercitados na música." Este, é claro, é o mesmo Lutero que era tão inflexível acerca da restauração da pregação bíblica. Ele não via uma divisão nítida entre o papel da música na adoração e a pregação ou entre o papel do músico da igreja e do pregador.

A divisão nítida entre o canto congregacional e a pregação deve-se mais ao trabalho de Ulrico Zuínglio, o qual, através de uma exegese muito peculiar de Mateus 6:6-7, posteriormente erradicou todos os cânticos da adoração comunitária em Zurique. Ele argumentou que orar no quarto queria dizer orar em silêncio e que o cântico congregacional era um tipo de oração pervertida. [5] Portanto, o canto congregacional deveria ser suprimido.

Obviamente, Jesus não estava dizendo nada disso. Pelo contrário, Jesus nos ordenou a orar sem nos preocuparmos com como os outros podem nos ver Além disso, Jesus disse, "É assim que vocês devem orar: 'Pai *nosso* que estás nos céus, ...'". [6] Se Zuínglio estivesse correto, seríamos presenteados com o espetáculo bizarro de nos escondermos sozinhos em nossos quartos, fingindo que somos, se alguma maneira, plurais.

Uma vez que Zuínglio abraçou esta compreensão grosseira de Mateus 6:6-7, foi compelido a forçar tudo o que o restante das Santas Escrituras dizia a respeito da adoração comunitária através do mesmo espremedor de alho. Assim, ele fala acerca de Colossenses 3:16 que "Aqui Paulo não nos está ensinando a resmungar e murmurar nas igrejas, mas nos mostra o verdadeiro cântico que é agradável a Deus, que cantemos o louvor e glória de Deus não com nossas vozes, como os cantores judeus, mas com nossos corações." [7] Zuínglio diria isso na cara de Hemã, Etã e Asafe, os músicos líderes dos Salmos canônicos? [ver I Crônicas 15:17-19]

Colossenses 3:16 realmente diz que devemos cantar com graça em nossos corações. Segue-se então que tal cântico é uma questão de imaginação silenciosa, como Zuínglio gostaria de nos fazer acreditar, um mero sentimento sem ligação com o mundo físico, real? Zuínglio deveu muito de seu espírito reformador e da maneira como tratava as Escrituras a Erasmo, que criou uma "antítese radical entre carne e espírito, forma e conteúdo." [8] Chamemos este movimento pelo seu nome correto, a saber, Gnosticismo. A adoração constituía em tornar-se um evento etéreo, não físico, despojado de participação corporal, tanto quanto possível. Seguiu-se naturalmente que o canto congregacional desapareceu, os sacramentos foram reduzidos a meros símbolos, e a pregação tornou-se a existência e a finalidade da adoração comunitária.

O legado de Zuínglio é enorme, até os dias de hoje. Costumamos tratar todos os componentes de nossa adoração comunitária como questões periféricas em torno de uma função muito importante, o sermão. Isto se demonstra na falta de arte em nossos edifícios, nossa música, todas as nossas comunicações. Ela possui um *ethos* gnóstico, desumanizante. Ainda chego ao ponto de postular que os excessos do movimento carismático e do Pentecostalismo poderiam muito bem ser atribuídos diretamente a ele, pois em última instância o ser humano grita: "Não, eu sou um ser humano - com coração, alma, mente e

força!" Nossa paixão em ver a pregação como a razão para a adoração comunitária, como o ministério da Palavra, em exclusão de leitura extensiva das Escrituras e do cantar de salmos, hinos e cânticos espirituais, lançou a praga carismática sobre nós. Este mal foi realmente causado por nós mesmos e precisamos nos arrependê-lo em vez de zelosamente confessarmos os pecados de nossos irmãos carismáticos como estamos acostumados a fazer.

Não, Lutero estava correto: Não há divisão nítida entre pregação, a leitura das Escrituras, e o cântico de salmos, hinos e cânticos espirituais. Suspeita-se que os teólogos de Westminster podem ter reconhecido isso quando disseram:

"A leitura das Escrituras com o temor divino, a clara pregação e a consciente audição da Palavra, em obediência a Deus, com compreensão, fé e reverência, cantando salmos com graças no coração; como também a devida administração e digna recepção dos sacramentos instituídos por Cristo, todas estas são partes do culto religioso ordinário a Deus." [9]

Tudo isso é de grande importância, e o pregador que gasta muito tempo para preparar um sermão enquanto busca lidar ao mesmo tempo com outros detalhes de culto congregacional em um par de horas está no caminho para o insucesso. Falo como músico: os pastores confiam demais nos músicos e fazem deles discípulos muito pouco. O músico com uma teologia livre geralmente toma decisões teológicas que entram em conflito com o trabalho do pregador. Não confie nos músicos, ensine-os! Os músicos podem ser os discípulos mais estratégicos que o pastor possui.

Além disso, o pregador que planeja quarenta e cinco minutos para a pregação e cinco minutos para o canto congregacional perde a catequese do coração, que é o canto congregacional. A menos que o adorador esteja cantando continuamente aquilo que o pregador está continuamente pregando, as palavras do pregador serão de pouco efeito. O pesadelo de qualquer pregador é que o adorador ouça o sermão, acene com a cabeça de modo aprovador, diga "Ótimo sermão, pastor!" e siga com a sua vida, sem qualquer alteração de estrutura de crença ou ética. O problema é que eles podem ouvir uma pregação boa, bíblica, mas a Palavra de Cristo não habita ricamente dentro deles, porque isso não é a função atribuída à pregação. A pregação é proclamatória, e nós imploramos fervorosamente ao Espírito Santo para que "perfure os corações" dos ouvintes para que o evangelho possa penetrar e fazer efeito. Foi de maneira correta, portanto, que Calvino incorporou uma oração por iluminação imediatamente antes do sermão. [10] Mas a iluminação significa que algum objeto irá brilhar, e se a palavra de Cristo não habitar em nós ricamente, há muito pouco para iluminar, em primeiro lugar. Uma boa pregação é como um carro e um bom cântico congregacional é como a chave. Sem a chave, o automóvel não tem mais utilidade do que um flamingo rosa de plástico no gramado da frente. Como somos tentados a fazer uma ligação direta neste carro, o que Finney chama de "utilização de meios devidamente constituídos"! [11]

Quero ser muito claro tanto sobre aquilo que pretendo dizer como também sobre o que não pretendo dizer. Quero dizer que o canto congregacional é um guerreiro amigo no ministério da Palavra, juntamente com a pregação. Não quero dizer que a pregação deveria ter um perfil mais baixo em nossas igrejas. Ao contrário, eu afirmo que já temos uma visão muito baixa da pregação, para não mencionar o canto congregacional. Usamos a música para a engenharia emocional, não para o ensino e admoestação como a Bíblia manda. Então, quando o pregador vê uma congregação espiritualmente desidratada, sente-se compelido a explicar profusamente, convencer, vender o evangelho, em suma, produzir uma colheita por seus próprios esforços em um terreno não preparado. Quando isso acontece, perdemos a proclamação vigorosa do evangelho. O ato de ouvir o evangelho no culto coletivo é, afinal, o meio normativo pelo qual o Espírito Santo tem a intenção de atingir o seu povo. Ao vermos uma igreja lânguida e impotente, aplicamos o "uso correto de meios constituídos" e erguemos uma paraigreja. Sentindo a falha dessa medida, nos transformamos em seguida em um comitê de ação política com base religiosa. Estamos assolados por esta espiral descendente porque não temos guardado a Palavra de Deus em nossos corações para que não pequemos contra Deus (Salmos 119:11). Em suma, a Sua Palavra não habita em nós ricamente.

As Escrituras e a Música

Se fôssemos perguntar às pessoas qual é o propósito da música na adoração, creio que as respostas seriam tão variadas quanto se pedíssemos para darem o nome de seus times de beisebol favoritos. Contudo, a Bíblia dá ordens de marcha claras nesta área, bem como uma infinidade de exemplos aplicados. Parte da confusão surge de uma questão peculiar de tradução. Colossenses 3:16 diz: "A palavra de Cristo habite

em vós abundantemente, em toda a sabedoria, ensinando-vos e admoestando-vos uns aos outros, com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando ao Senhor com graça em vosso coração." Outras traduções, como a Nova Versão Internacional, retiram a expressão "salmos, hinos e cânticos espirituais" de "ensinando-vos e admoestando-vos uns aos outros", colocando-a direta e exclusivamente em conjunto com o "cantando ao Senhor com graça em vosso coração". Dependendo da leitura casual que alguém faça do texto, o conceito de música de adoração pode variar consideravelmente.

A verdadeira pista, no entanto, não está tanto na ordem das palavras, mas sim nas palavras "salmos, hinos e cânticos espirituais." Aqui temos de pensar um pouco sobre os pretendidos leitores do primeiro século. Os destinatários deste livro são "santos e irmãos fiéis em Cristo, que estão em Colossos" (1:2). No final do livro (4:16), Paulo ordena que os colossenses passem a carta para a igreja em Laodicéia. A igreja de Éfeso também estava familiarizada com a formulação de "salmos, hinos e cânticos espirituais" (Efésios 5:19). Em cada um dos casos, não apenas Paulo lhes escreveu em Grego, mas eles eram leitores principalmente gregos, e seu Antigo Testamento mais provável teria sido a Septuaginta, que rotula os 150 Salmos, de maneira alternativa, como "salmos", ou "hinos", ou "cânticos espirituais". Tomado por si só, esse detalhe fala fortemente a favor da velha prática Reformada de cantar o Saltério inteiro em uma base regular, uma prática que poderíamos fazer bem em reconsiderar.

Certa vez, examinei o repertório inteiro da música de adoração de uma congregação à qual servia, tendo herdado um grande catálogo, o qual eu pesquisei, colocando cada cântico em uma das três categorias: (1) ensino, (2) admoestação, e (3) cantar com gratidão em nossos corações para Deus. Dos cerca de 400 cânticos de louvor e hinos, descobri que a maioria deles se encaixa na categoria três, com cerca de trinta na categoria um, e menos de dez na categoria dois. Isso pode refletir um pouco do nosso espírito americano, aquela noção de que somos livres e que ninguém pode ficar nos dizendo o que fazer, muito menos um líder de louvor. Um novo gnosticismo tem se insinuado entre nós, convencendo-nos que se sentir bem é um componente indissociável da ortodoxia, e que a admoestação - pelo menos em minha própria experiência - raramente faz com que nos sintamos bem. [12] Ela não se encaixa naquilo que Kenneth A. Myers chama de "orthopathos." [13]

Depois de haver tropeçado nesta característica da dieta de música de adoração da minha congregação, fui para os 150 Salmos para ver quais proporções dessas categorias ele conteria. Com a minha aculturada confiança inquestionável na ciência moderna, e mais especialmente na disciplina de Estatística, [14] li os Salmos com três marcadores coloridos na mão. Usei um para o ensino, outro para a admoestação, e outro para a gratidão a Deus. Estudiosos da Bíblia mais hábeis do que eu poderão antecipar o que encontrei: Simplesmente não havia maneira de separar as categorias. Considere o Salmo 103. A forma de "bendizermos o Senhor" é relatar uma longa lista de bênçãos: Ele perdoa todas as nossas iniquidades, Ele sara todas as nossas enfermidades, Ele redime nossa vida da perdição; Ele coroa-nos de benignidade e de misericórdia, Ele satisfaz a nossa boca com coisas boas, etc.

Mais adiante neste Salmo, torna-se claro que essas bênçãos são dadas àqueles que temem o Senhor. Analisado em seu conjunto, temos um cântico de gratidão a Deus que nos ensina sobre a provisão de Deus e ainda nos adverte a temer ao Senhor. Esta é a natureza da verdadeira música de adoração bíblica. A glorificação de Deus e a edificação dos santos ocorrem simultaneamente. Note aqui que a música de adoração funciona como parte integrante do ministério de ensino. A pregação do púlpito tem maior poder de explicar o texto de forma lógica, mas a música tem um poder maior para inculcar o texto, para levar o texto a outras partes do ser do ouvinte.

Música de Adoração e Teologia

Até o tempo do Rei David, o papel da música no culto foi um pouco incidental. Não foi por acaso que o "homem segundo o coração de Deus" institucionalizou os músicos levitas. Mas o que exatamente os músicos levitas faziam? Não há uma descrição claramente detalhada das responsabilidades do músico levita, mas, assim como em muitos outros temas na Bíblia, um quadro vívido começa a emergir quando colocamos juntos vários elementos soltos.

Em Crônicas 6, aprendemos que os músicos principais, Hemã, Etã e Asafe, vieram de três famílias diferentes da casa de Levi. Pode ser que a habilidade musical e a sabedoria necessitassem da colaboração de elementos de toda a tribo, em vez um punhado selecionado, como foi o caso com os sacerdotes. Perto do fim do mesmo capítulo, descobrimos que foram dadas aos levitas cidades e campos espalhados por toda a terra de Israel. Assim, a terra de Israel teria sido polvilhada com músicos levitas "locais".

I Crônicas 24 e 25 nos mostram que os sacerdotes e os músicos tinham turnos de duas semanas de tempo de serviço no templo em Jerusalém. Isso levanta uma questão fascinante, "O que eles estavam fazendo o resto do ano?" Parte desta pergunta é respondida na atribuição autoral dos Salmos. Sabemos que tanto Hemã quanto Etã e Asafe escreveram Salmos. [15] Foi Asafe quem proclamou que Deus é o dono do "gado sobre milhares de montanhas" (Salmos 50:10). Se um músico da igreja moderna escrevesse uma letra de louvor como o Salmo 50, provavelmente não conseguiria publicá-la na indústria da música cristã contemporânea, e poderia estar no caminho mais curto para ser demitido de sua igreja. O Salmo 88 de Hemã é incontestavelmente o mais triste de todos os Salmos. Tudo isto para dizer que os músicos levitas escreveram Salmos e esses Salmos não eram submissos às demandas emocionais gnósticas da música da igreja evangélica do século XX.

Um músico levita atingia a maturidade na idade de 30 anos, e não aos 20 anos, como no caso do levita não especializado (I Crônicas 23:3, 5, 24). Alguém poderia se perguntar qual seria o estado da música na igreja hoje caso a liderança musical fosse reservada até idade de 30. Eu, por exemplo não conheço o caso que qualquer astro da música cristã contemporânea, que tenha embarcado em uma carreira na cultura pop cristã com esta limitação em mente. O campo é, reconhecida e descaradamente, orientado para os jovens, apesar de muitos destes jovens estarem mais próximos da aposentadoria do que da formatura no ensino médio. Se formos sérios sobre o princípio *sola scriptura*, talvez devêssemos ver uma restrição de idade até os 30 anos como uma diretriz muito prudente, especialmente levando em conta como a nossa cultura americana está aumentando na sua infantilidade.

Sabemos que Salomão compôs 1.005 salmos, a maioria dos quais se perderam (I Reis 4:32). No entanto, isso demonstra que a escrita de salmos foi, provavelmente, uma atividade florescente na época. Além deste detalhe biográfico, sabemos que Salomão era "ainda mais sábio do que todos os homens, e do que Etã, ezraíta, e Hemã" (I Reis 4:31). Se Salomão não tivesse vivido na terra, *dois músicos teriam sido os homens mais sábios. Em suma, os músicos eram mestres da mais alta ordem.* Isso me leva a suspeitar que os músicos levitas, tendo sido espalhados pela terra, serviram como mestres de Israel. Além disso, os Salmos eram seus livros didáticos. E uma vez que este livro didático era um livro de cânticos, pode muito bem ser que os músicos levitas tenham catequizado a nação de Israel através do canto dos salmos. Desta forma, eles preparavam o povo para as grandes festas, quando eles convergiam em Jerusalém, em números que superam os movimentos de crescimento de igrejas, bem como as nossas cruzadas modernas. Esta vasta multidão chegaria a Jerusalém e participaria de um culto de adoração, tudo sem a ajuda de um sistema de som. Tal ajuntamento de pessoas exige disciplina e organização consideráveis.

Lutero falou sobre os Salmos em seu prefácio da tradução, descrevendo-os como uma "pequena Bíblia reduzida à forma mais bela e mais concisa, de modo que o conteúdo de toda a Bíblia existe neles como um manual." Ele reconheceu que todas as grandes idéias teológicas da Bíblia podiam ser encontradas em seu livro de cânticos, e como resultado, a hinódia Luterana do tempo da Reforma trouxe o apoio do evangelho para cada aspecto da vida. [16]

É verdade que não temos mais a lei cerimonial levítica, mas ainda assim o papel maior de ensinamento dos músicos levitas não cessará até a segunda vinda do Senhor. Creio que o apóstolo Paulo entendeu isto muito bem quando, sob a inspiração do Espírito Santo, nos disse que a maneira de a palavra de Cristo habitar em nós ricamente com toda a sabedoria é ensinar e admoestar uns aos outros com salmos, hinos e cânticos espirituais. A palavra de Cristo habita em nós ricamente com toda a sabedoria quando cantamos com gratidão em nossos corações a Deus, com salmos, hinos e cânticos espirituais (Colossenses 3:16).

Em suma, creio que Paulo considerou o ensinamento do Antigo Testamento como tão auto-evidente que não foi obrigado a elaborar. Por que deveria? Ele tinha os Salmos à mão.

A maioria das tradições de música de adoração para o último quarto de milênio não conseguiu ver o mandato de ensino da música de adoração. A música revivimentalista dos séculos XIX e XX tem falhado notoriamente a este respeito. Os exemplos poderiam encher muitos volumes. Para nossos propósitos, apenas um será suficiente: "Trust and Obey" (Crer e Observar) de John H. Sammis [b] [17]

*Quando andamos com o Senhor, na luz de Sua Palavra.
Que glória Ele derrama em nosso caminho!
Enquanto cumprimos Sua boa vontade, Ele ainda habita conosco,
E com todos os que confiam e obedecem*

Côro
Confiar e obedecer, pois não existe outro caminho
Para ser feliz em Jesus, além de confiar e obedecer.

Sombra alguma pode se levantar, nem uma nuvem nos céus,
Mas Seu sorriso as afasta para longe;
Nenhuma dúvida ou temor, nem um suspiro ou uma lágrima,
Podem permanecer quando confiamos e obedecemos.

Critico este texto não porque Sammis fosse um homem mal-intencionado, mas sim porque tal texto pode levar o cristão a conceitos gravemente equivocados. Por exemplo, o Senhor realmente só habita conosco enquanto estamos fazendo a Sua boa vontade? Se isto é verdade, como este conceito se encaixa com a repreensão do Senhor, a qual presumivelmente vem precisamente porque estamos deixando de fazer a Sua boa vontade? Com a repreensão do Senhor em mente, é realmente verdade que o sorriso de Jesus afasta cada sombra, nuvem, dúvida ou medo? Esses mesmos problemas podem ser agentes muito providenciais de nosso Pai Celestial para nossa correção e devemos nos lembrar com decidida alegria que a correção é a marca preciosa de nossa filiação. Somente o descrente tem alguma esperança razoável de flutuar por esta vida sem qualquer perplexidade. Mas quem poderia desejar o destino eterno do descrente? [18]

Este tipo de texto tem suas raízes na lama mole do Romantismo. Nos momentos da mais profunda tribulação, precisamos de uma rocha que nos sustente, não de sentimentalismo. Nossos pensamentos e ações sob provação são incertos se a palavra de Cristo não habita *ricamente* em nós, e o meio de Deus para esse fim é o canto congregacional pleno. Posso entrar na casa de Deus como um monte tremendo de dúvida e indecisão, mas sair com a própria armadura de Deus, porque os meus irmãos e irmãs em Cristo me ensinaram e me advertiram, enquanto cantaram as grandes obras de redenção do Senhor.

A música cristã contemporânea é a herdeira aparente dos hinos de reavivamento. Quão irônico é que os amantes dos "bons e velhos hinos" (hinos reavivamentalistas) são muitas vezes desprezados por esta nova forma de sentimentalismo. Assim como a hinódia reavivamentalista, a música cristã contemporânea preponderantemente deixa de lado o mandato do ensino no canto congregacional. Considere cântico bastante conhecido de Andre Crouch, "Bless His Holy Name." (Bendizei o Seu Santo Nome). [c] [19]

Bendizei ao Senhor, ó minha alma,
e tudo o que há em mim
bendiga o seu santo nome.
Bendizei ao Senhor, ó minha alma
e tudo que há em mim
bendiga o seu santo nome.
Ele fez grandes coisas,
Ele fez grandes coisas,
Ele fez grandes coisas,
bendizei o seu santo nome.

O problema aqui é que a gratidão verdadeira deve ter sua base em fatos objetivos ou na doutrina, como o verdadeiro Salmo 103 ilustra tão claramente. Se os fatos objetivos da redenção não são abertamente declarados, o cântico é mero sentimentalismo, nada mais do que poesia de cartão de papelaria: boas frases morais que qualquer mórmon ou budista poderia concordar. De fato, se os textos das nossas músicas não estão afirmando claramente fatos objetivos centrados na redenção em Cristo, estamos privando nossas congregações da verdadeira alegria. Falo tudo isso não para dizer que os escritores de cânticos de louvor como esses são hereges. Pelo contrário, é para dizer que a poesia é inadequada às necessidades do assunto subjacente. E assim como um músico de igreja altamente qualificado está na melhor posição para implementar [o princípio] *sola scriptura* por causa de anos de estudo musical, o poeta dos textos da música de adoração deve estudar arduamente nosso vernáculo. As palavras são importantes. Além disso, o apóstolo Tiago adverte: "Meus irmãos, muitos de vós não sejam mestres, sabendo que receberemos mais duro juízo." (Tiago 3:1). Música de adoração ensina, quer nós queiramos ou não fazê-lo. Cabe a nós, portanto, abordar a escrita de textos para a música de adoração com tanta clareza teológica e tanta habilidade lingüística quanto possível.

O texto de Crouch carece da amplitude do Salmo 103. Há muitos cânticos na Escritura que, sendo tão pequenos e retirados do seu contexto escriturístico, deixam o leitor com uma compreensão errônea

daquilo que o escritor bíblico pretendia. [20] Esta é uma prática lamentável. Quando cantamos somente um versículo bíblico isolado ou dois, podemos fazer essa pequena passagem significar qualquer coisa que quisermos, e isso é perigoso, pois, como nos disse Jeremias, "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso..." (Jeremias 17: 9). Na verdade, precisamos cantar aquelas porções das Escrituras *que não gostamos, e devemos cantá-las dentro do seu contexto escriturístico*.

Nos 150 Salmos encontramos todos os grandes temas bíblicos doutrinários apresentados poeticamente, temas tais como a nossa depravação, a expiação, a nossa redenção, a criação, a providência de Deus, a ira de Deus, a Sua misericórdia, etc. Estão todos lá. Qualquer que seja o significado adicional da advertência de Paulo, mesmo uma leitura passageira indicará que nossa adoração deve abordar regularmente toda a superestrutura da doutrina cristã.

Mas como operacionalizar esta verdade?

Porém, no momento em que voltamos nossos pensamentos para a consubstanciação deste conceito, nos deparamos com enormes barreiras estilísticas. Há estilos que simplesmente não se adaptam a vários textos, e aqueles indivíduos que são mais apegados a esses estilos serão os primeiros a admitir que as palavras não se encaixam no seu estilo. Assim, a resposta usual é que esses textos não ficam bem no culto porque eles parecem "adorativos". Raramente ocorre ao adepto de um estilo que talvez haja algo errado com o estilo, e não com as palavras.

Digo, portanto, axiomáticamente, que qualquer estilo que não seja capaz de receber textos cuja presença [na adoração] é bíblicamente estabelecida, é um estilo inadequado para o culto cristão. Além disso, incentivar a diversidade de estilos apenas permite aos adoradores individuais a satisfação de seus próprios apetites, descartando aqueles cânticos de adoração que não estão em seus estilos preferidos. Há estilos que claramente não têm lugar no culto comunitário, e é hora de os cristãos responsáveis em um nível pastoral se arrependem do relativismo cultural que tão facilmente nos envolve.

Vamos ser mais específicos sobre a questão e considerar o exemplo de um estilo volátil – o "rap". Creio que seja justo dizer que este estilo está fortemente associado com a venda de bebidas alcoólicas, com atirar contra policiais, com estupro de mulheres. Até muito recentemente, uma visita casual à seção de rap de qualquer grande loja de discos causaria preocupação até mesmo para o cristão mais libertino. A maioria das capas de álbuns de rap era abertamente pornográfica. E isso era apenas a embalagem! A maioria das pessoas no mundo concordaria com essa avaliação, e ainda assim, temos cristãos que tentam "resgatar" esse estilo e usá-lo evangelisticamente. [21] Como justificação desta prática, alguns citam as declarações do apóstolo Paulo sobre carnes sacrificadas aos ídolos em I Coríntios 10. Porém, comparar carne e música, é o caso proverbial de comparar maçãs com laranjas. Carne é carne. Ela possui certa quantidade de nutrientes, quer tenha sido oferecida a um ídolo ou não. Música, por outro lado, é ideia pura. A música *sempre* nasce em um contexto sociológico, e este contexto é indissociável da música. Nosso teste, então, deveria ser: "Um estilo associado ao assassinato de policiais, ao estupro de mulheres e à venda de bebidas alcoólicas é adequado para elevar a mente a tudo que é verdadeiro, nobre, correto, puro, amável, de boa fama, excelente, e digno de louvor?" (Filipenses 4:8)

Assim como eu disser isso, alguém vai retrucar: "Mas Lutero usou músicas de bar." Este é um equívoco lamentável amplamente popularizado em nossos dias. Da mesma forma, alguns vão responder de maneira triunfante com aquela citação famosa de Lutero: "Por que o Diabo deveria ter todas as músicas boas?" Qualquer um que tenha feito uma leitura extensiva de Lutero sabe que quando ele fala do diabo, normalmente se referia ao papado. Na verdade, quando Lutero perguntou: "Por que o Diabo deveria ter todas as músicas boas?" ele não quis dizer, "Por que as boas músicas deveriam permanecer lá fora, no bar, quando poderíamos usá-las na igreja?" Em vez disso, ele quis dizer que a igreja da Reforma não deveria deixar todos os refinados hinos antigos para a Igreja Católica Romana. Ele estava fazendo um apelo apaixonado pelo uso da música tradicional!

Quanto à afirmação de que Lutero tomou emprestado músicas de bar, esta é uma compreensão errônea, tanto da teoria musical quanto da história da música. O "estilo de bar" é um rótulo para uma forma musical/arquitetônica, não uma descrição da atividade musical que ocorria em um lugar público de consumo de álcool. Na época de Lutero, existiam sociedades acadêmicas chamados Meistersingers. [22] Eles existiam com o propósito de compor músicas baseadas geralmente em textos bíblicos, e a forma musical utilizada era chamada de "estilo de bar" [d] [23] O "estilo de bar" é como uma receita fixa. Isto

tem tanto a ver com o consumo de bebidas alcoólicas em locais públicos quanto 'bar oil' para uma motosserra, advogados 'passing the bar' ou os meninos judeus e seus 'Bar Mitzvahs'. [e]

É verdade que melodias de estalagem poderiam, ocasionalmente, migrar para a igreja na época de Lutero. No entanto, é igualmente verdade que as melodias da igreja poderiam encontrar o caminho para a estalagem. Este não é o caso hoje em dia, pela simples razão de que a estalagem da época de Lutero não corresponde ao bar da atualidade. A Reforma na Inglaterra começou em uma estalagem. Este era um lugar onde havia animadas discussões e troca de ideias. Era um lugar comunitário, no melhor sentido. A última vez, no entanto, que eu passei pelo bar do Bob Par-O-Dice, uma música country alta estava saindo pela janela e até onde posso dizer, ninguém estava discutindo teologia. Finalmente, a pesquisa musicológica desde 1923 tem se inclinado mais e mais a favor de Lutero como sendo o compositor de suas próprias melodias, apesar de que certamente Lutero não teve problemas com as estalagens, como indicam amplas evidências históricas. [24] Estes eram lugares para se procurar por boa cerveja, não por boa música.

Temos de admirar e incentivar o desejo de "fazer-se tudo para todos, para que possamos por todos os meios chegar a salvar alguns" (I Coríntios 9:22). Gostaria de advertir, no entanto, que "fazer-se tudo para todos" não significa abraçar a cultura do mundo de maneira acrítica e, certamente, é incorreto afirmar que Lutero é o santo padroeiro de tal idéia. Em nossos esforços para "fazer-se tudo para todos", devemos nos perguntar constantemente: "Porventura tomará alguém fogo no seu seio, sem que suas vestes se queimem?" (Provérbios 6:27). Se acreditarmos que "fazer-se tudo para todos" é uma questão de relativismo cultural, então não há nada que nos impeça de transformar a música de Madonna em cânticos de louvor. [f]

Estilo

O que é estilo? A fim de aplicar os princípios bíblicos ao estilo e à música de adoração, precisamos entender que a Bíblia diz sobre o estilo, bem como o que é estilo. "Estilo", *per se*, é algo comum a toda a humanidade, e como tal pertence diretamente no reino da graça comum e da revelação geral. Apenas algumas pessoas experimentam Deus graça "salvadora", enquanto todos os seres humanos experimentam alguma medida da graça "comum". Cada coisa boa vem da mão bondosa de Deus. O sol e a chuva caem igualmente sobre bons e maus. Todos os seres humanos, todas as culturas, apresentam "estilo" ou comportamento estético.

É precisamente neste ponto que cristãos de todas as denominações se confundem. Muitas vezes nós confundimos nossa teologia com nosso estilo, resultando, no final, em uma teologia confusa. É uma falta de atenção. Tomando emprestada uma metáfora, não é o suficiente sermos simples como as pombas, é preciso sermos sábios como as serpentes, também. Moisés teve a melhor formação dos egípcios; Daniel teve a melhor formação dos caldeus e os medos e persas. Este treinamento foi do tipo da graça comum e a comunidade de fé foi enriquecida por isto.

Antes de desvendar este emaranhado, levanto duas questões que devem estar em constante consideração durante esta discussão. Primeiro, o estilo é bom ou ruim por causa de alguma beleza intrínseca? Em segundo lugar, o estilo é bom ou ruim por causa do efeito ético que ele tem sobre a humanidade?

Estilo e a Doutrina da Criação

Todas as questões de estilo e cultura têm suas sementes distintas na Criação. Claro que, elas não estavam desenvolvidas, mas como o óvulo fertilizado é totalmente humano com toda a informação essencial contida nos quarenta e seis cromossomos, assim, da mesma maneira, todos os pormenores essenciais da cultura humana podem ser encontrados nos primeiros três capítulos do Gênesis.

Primeiro, vemos Deus fazendo objetos tangíveis e dizendo que eram bons. Ele os faz, aparentemente, apenas para Seu prazer. Precisamos insistir um pouco neste ponto porque ele corre na contramão do pragmatismo norte-americano que está tão profundamente arraigado em nossos pressupostos intelectuais e em nossos métodos de vida da igreja, mesmo daqueles entre nós que repudiam os pontos de vista orientados às técnicas do movimento de crescimento da igreja. [25] Ainda temos a tendência de ordenar a nossa montagem normal de cenários de acordo com normas que sejam aceitáveis para nossa cultura. [26] E de todas as várias correntes filosóficas, precisamos lembrar que o pragmatismo é a única inovação nativa, exclusivamente americana.

Deus é auto-suficiente. Ele não precisa de coisa alguma. Sem a presença de necessidade, não há pragmatismo, nenhuma crise ou contingência a ser resolvida. Pois o pragmatismo resolve problemas e satisfaz necessidades, e uma vez que um Deus soberano e auto-suficiente não tem necessidades, fica claro que Ele criou o cosmos exclusivamente para seu prazer. Foi um ato de puro prazer estético, uma obra de arte. Ele pôs em liberdade o burro selvagem (Jó 39:5). Ele fez o avestruz que bate as asas com alegria (Jó 39:13). Os céus são a poesia de seus dedos (Salmos 8:3). [27] Durante todo o processo de criação, vemos Deus periodicamente dando um passo para trás para ver a Sua obra e acrescentando: "Isto é bom" e nunca "Isto faz o que Eu preciso que seja feito", ou "Isto funciona bem". Se existe uma analogia humana para este aspecto de Deus, não é o engenheiro ou o vendedor, mas sim o artista.

"E disse Deus: 'Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra'" (Gênesis 1:26). Sugiro que até este ponto conhecemos apenas duas coisas sobre a natureza de Deus, e que estas duas características são igualmente importantes para a compreensão da natureza humana: Primeiro, Ele criou as coisas apenas com o propósito de deleitar-se no processo de criar, bem como deleitar-se no objeto concluído, o resultado desse processo; em segundo lugar, Ele é um Ser singular que, no entanto, tem certa pluralidade misteriosa em sua natureza. Esses dois atributos de Deus e Suas ações estão diretamente relacionados com o comportamento artístico da criatura feita à imagem de Deus.

Quando Deus trouxe o homem para o quadro da criação, a primeira coisa que o homem fez foi dar nome aos animais. Adão não teve que estudar gramática e ortografia: Ele criou as regras e os sons conforme lhe agradava. Além disso, ele poderia com a mesma facilidade ter chamado um camelo de nahotsdowth ou de stroile se lhe parecesse apropriado. Em face disto, parece que os nomes eram apenas uma questão de prazer para Adão. "... e tudo o que Adão chamou a toda a alma vivente, isso foi o seu nome" (Gênesis 2:19). Esta é uma variante de "e foi a tarde e a manhã..." visto no primeiro capítulo.

Agora, tudo isso parece um pouco filosoficamente distante, mas então tudo fica bem claro quando Jesus nos diz: "Portanto, vós orareis assim: 'Pai nosso, que estás nos céus...'" Há uma relação familiar entre o Criador e o ser criado à Sua imagem. Deus faz as coisas para seu próprio prazer, e, portanto, assim também faz o homem. Além disso, o homem antes da queda faz as coisas que agradam a Deus *porque essa relação familiar envolve Deus e o homem pensando, sentindo, desejando, e agindo na mesma sintonia*. Sim, o homem tem total liberdade, mas suas ações dificilmente são arbitrárias.

Assim, vemos tanto em Deus quanto no homem criado à Sua imagem a tendência de criar objetos apenas pelo prazer e pela beleza. Em ambos os casos, não há nenhuma platéia humana aparente. A platéia parece não ter qualquer influência sobre aquilo que o objeto estético deve ser. A essência do objeto estético se baseia apenas nas intenções de prazer do Criador (Deus) ou do artista (homem).

Isso nos leva ao nosso primeiro princípio acerca do estilo encontrado na criação: Existe estilo, cultura, ou arte, que possui bons atributos intrínsecos, bons atributos baseados na própria beleza. E embora o homem agora esteja caído, a imagem de Deus permanece manchada, mas não destruída. O princípio de beleza pelo prazer chegou até nós na atividade da arte erudita, ou na alta cultura. E embora os cristãos sejam tentados a ter uma má impressão acerca dela, ela é realmente "arte pela arte em si mesma". Em seu estado mais refinado, a arte erudita é a arte feita simplesmente por sua beleza (como esta é compreendida pelo artista individual) sem qualquer consideração para com o público. É o velho podando as suas rosas e a criança transformando a massinha de modelar em objetos não identificáveis. É a garota adolescente revelando-se em seu cabelo longo e brilhante ou o bombeiro polindo seu caminhão. E, claro, é o compositor, o poeta, o escultor e o pintor.

A arte principal da igreja é a música, e mesmo assim, em sua maior parte, os compositores da arte erudita têm permanecido fora da igreja por cerca de 250 anos, desde a morte de J. S. Bach, que foi o maior expoente da grande tradição luterana de músicos bíblicos da igreja. Houveram duas razões para esta guinada triste da história.

A primeira foi que o pietismo tomou conta da igreja naquela época, e o pietismo considerava que a maneira como uma pessoa se sentia era um sinal de ortodoxia. (o pietismo está verdadeiramente vivo e atuante hoje, também!) Se a música não fazia o adorador sentir-se reverente, então, meu caro, não era música espiritual. Os compositores da arte erudita, que se deleitam em usar a mente que Deus lhes deu, rapidamente encontraram-se na lista de espécies ameaçadas de extinção.

A segunda razão pela qual os compositores da arte erudita deixaram de ser ativos na igreja é que a igreja (especialmente na Europa) deixou de ser uma entidade viável. O pietismo, que começou como um esforço para fortalecer a igreja, eventualmente a enfraqueceu tanto que o ataque do Iluminismo deixou a igreja visível européia do século XIX em uma fossa liberal. Ao buscar a alienação da alta cultura, a igreja abriu mão da liderança no desenvolvimento da cultura e desde então tem tentado, com língua de fora, acompanhar o ritmo do mundo. Aqueles que estão prontos a lançar calúnias sobre a música cristã contemporânea deveriam sóbria e penitentemente considerar a história. Na Igreja Reformada, falamos bastante sobre um "mundo cristão e uma visão de vida." Eis aqui uma lacuna em nossa cosmovisão através da qual poderíamos passar um caminhar.

Estilo e a Natureza de Deus

O segundo princípio do estilo é encontrado naquela pluralidade misteriosa da natureza de Deus. Deus coloca a Sua imagem no homem também nas palavras, "Não é bom que o homem esteja só" (Gênesis 2:18). Ele revela sua intenção de tornar o homem misteriosamente em um ser plural também. Estas palavras aplicam-se diretamente ao casamento humano, mais especificamente ao casamento de Adão e Eva, no qual temos os primórdios da sociedade humana. Deus nos criou como seres sociais. Não é realmente bom para nós estarmos sozinhos, e esta marca da criação deveria questionar muitas das forças contidas na modernidade que está tornando o mundo altamente povoado com pessoas solitárias e desconexas – pessoas com poucas relações comunitárias. Ao contrário da arte erudita, existe um tipo de arte que é feita por pessoas que se conhecem umas às outras para pessoas que se conhecem umas às outras, e essa arte é usada para enriquecer seus momentos juntos. É um pressuposto da arte ou estilo que está sempre consciente do público, com o bem-estar deste público ou seu efeito ético sobre este público em mente. O objetivo principal deste tipo de arte é uma comunidade saudável, e não a beleza e, portanto, ela deve ser denominada como arte popular. [28] [g] Aqui, a bondade pode ser descrita como "extrínseca". Platão é, provavelmente, o principal defensor desta forma de avaliar a arte. Ele afirmava que qualquer música que incite um comportamento indesejável no cidadão deveria ser censurada pela república. Os pais da igreja primitiva, de forma quase unânime, também sustentavam este ponto de vista acerca do estilo, e, mais especificamente, do estilo de música. [29]

Estilo e o Pensamento Moderno

Como é estranho que a igreja visível atual esteja abraçando a diversidade e o multiculturalismo de forma acrítica, desprezando completamente a sabedoria dos pais da igreja primitiva. Há congregações em todo o país que agora fazem cultos múltiplos, cada um em um estilo diferente, para atender aos apetites dos grupos-alvo diferentes. Claro que o resultado disso é um ajuntamento de congregações separadas sob o mesmo teto, cada sub-congregação exigindo que suas necessidades sejam atendidas. É egoísmo grupal que faz qualquer coisa, menos integrar-se como corpo de Cristo.

De acordo com este espírito, um anúncio em uma edição recente da revista Christianity Today dizia: "Poemas ungidos musicados. Contribuições com base no rendimento. Estilos disponíveis: primitivo, do-wop, rock, pop, Rhythm & Blues primitivo, Tex-Mex, reggae, Bossa Nova, soul, jazz. Enviar \$ 3 para" [30] A diversidade neste anúncio é de tirar o fôlego, mas não é maior do que aquilo que está disponível nas igrejas em geral. De fato, esta pessoa não teria publicado um anúncio na principal revista da igreja se achasse que ele não iria receber alguns clientes.

Ironicamente, o evangelho deveria nos unir, pois partilhamos uma necessidade comum - o perdão dos pecados. Na verdade, quando nos concentramos nas necessidades sentidas - neste caso, o apetite por estilos - estamos nos dividindo em pequenos guetos. Suponho que essa ânsia pela diversidade é mais a obra do espírito deste século do que do Espírito Santo. Afinal, se este anúncio é uma indicação de como as coisas são, somos presenteados com o espetáculo bizarro de usar rock para retratar a profundidade das riquezas, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus.

Quando Paulo nos convida [Filipenses 4:8] a pensar naquilo que é verdadeiro, nobre, correto, puro, amável, de boa reputação, excelente, e digno de louvor, somos advertidos a colocar as questões de estilo sob este microscópio. Certamente a arte erudita, com sua raiz na imagem de Deus, se encaixa nessas categorias. Mas o mesmo acontece com a arte popular, porque não é bom que o homem fique sozinho. A comunidade saudável da arte popular se encaixa no modelo de criação como Deus planejou.

Uma nota final sobre a diversidade, pois existe muita confusão atualmente em vários países: Sim, teremos diversidade conosco até o Grande Dia do Senhor. A diversidade cultural pode ser rastreada diretamente até a Torre de Babel. Afinal, a marca mais distintiva de qualquer cultura é a sua linguagem. Certamente, temos que aprender línguas estrangeiras, para que possamos proclamar o evangelho a todas as nações. E certamente temos de receber o estrangeiro em nossas casas. Mas o Senhor é glorificado quando incitamos e estimulamos o tribalismo e a crescente balcanização da nossa cultura por nossa tendência à diversidade na adoração? Como isto se encaixa com a oração de Jesus para que sejamos um? Em algumas partes do nosso país, temos uma profunda diversidade étnica, e esta condição apresenta dificuldades especiais para o culto comunitário, as quais não podem ser ignoradas. Ainda assim, grande parte do impulso para o apetite por estilos diversos desapareceria se viéssemos ao culto comunitário com a noção de que poderíamos edificar os nossos irmãos em Cristo quando os ensinamos e advertimos com salmos, hinos e cânticos espirituais.

Cultura Pop: O Grande Parasita Moderno

Antes de prosseguirmos, é importante reconhecermos que a cultura erudita tem suas raízes na estética; a cultura popular tem suas raízes na sociologia. Compará-las é como comparar maçãs e laranjas: Elas são boas quando bem executadas, e as regras acerca do que é "bom" são bastante diferentes para os dois tipos. A Bíblia tem mais a dizer sobre a cultura popular do que sobre a cultura erudita, porque a cultura popular está indissolúvelmente baseada nas relações interpessoais, enquanto que a arte erudita pertence principalmente à revelação geral. [31] De fato, a igreja é uma cultura popular que transcende as fronteiras nacionais e étnicas através de uma Palavra impressa divinamente inspirada.

Existe ainda um terceiro tipo de pressuposto acerca da cultura ou estilo que, no entanto, se vale liberalmente da cultura popular e da cultura erudita. É um impostor e um parasita, porque se baseia no engano. A raiz de sua criação encontra-se naquele evento trágico quando "a mulher viu que a árvore parecia agradável ao paladar, era atraente aos olhos e, além disso, desejável para dela se obter discernimento" (Gênesis 3:6).

Há dois tópicos a serem considerados aqui: O primeiro é que Eva cobiçou - ela desejou algo que não era seu por direito; em segundo lugar, ao comer daquela árvore, ela abriu a caixa de Pandora do conhecimento cada vez maior, resultando em maravilhas tecnológicas que não podemos controlar. E essas maravilhas tecnológicas tiveram um efeito profundo e devastador sobre a nossa capacidade de manter objetos culturais que nos levam a pensar naquilo que é verdadeiro, nobre, correto, puro, amável, de boa reputação, excelente, e digno de louvor.

Este terceiro tipo de cultura é feita por pessoas que tendem a não conhecer umas às outras, para pessoas que não conhecem e com as quais provavelmente nunca se encontrarão. Isto se tornou possível através da gravação magnética e da disseminação abrangente. Antes do século XX, os efeitos dessas tecnologias e o tipo de cultura que eles criaram eram inimagináveis.

Este terceiro tipo de cultura não está fundamentalmente preocupado com a beleza da forma, como na arte de erudita, ou na integridade da comunidade, como na arte popular. Ela está preocupada com uma coisa e uma apenas coisa: dólares e centavos. É avarenta. [Neste caso], o artista não é primariamente responsável perante Deus por um padrão de beleza transcendente, nem diante de uma comunidade local por sua responsabilidade ética. Em vez disso, o artista deve responder ao investidor. Para o cristão, é um caso descarado de "jugo desigual com descrentes" (II Coríntios. 6:14). John Styll, sem corar, aponta que a EMI, "que promove tudo, de Garth Brooks até Beastie Boys," possui o rótulo cristão Sparrow. [32] Este terceiro tipo de cultura é, naturalmente, a cultura pop, incluindo a *cultura pop cristã* [h].

É verdade que os rótulos de cristãos pertencentes às grandes companhias possuem uma boa dose de autonomia. "Eles não estão tentando afetar a nossa mensagem ou a nossa visão," disse o presidente da Brentwood Jim Van Hook, acerca da Zomba Music. Da mesma forma, o presidente da Reunion, Terry Hemmings disse sobre a BMG, "Eles não têm tentado, nem no menor ponto, influenciar a direção das letras de nossa música." [33] Sem qualquer intenção de satanizar os grandes conglomerados que compraram as empresas de música cristã, creio que também podemos razoavelmente prever que a Máfia concederia uma grande autonomia a um rótulo cristão, *contanto que este rótulo cristão fizesse dinheiro*. Este é o ponto crítico. Toda a questão da "autonomia" ainda suscita a questão do jugo desigual. Penso que deveria ser esclarecido que a questão fundamental com a música pop cristã *são os relatórios de lucros*. É comércio, com a adoração de Deus e a edificação dos santos agarrando-se à cauda desse rolo compressor.

Jesus disse que não poderíamos servir a Deus e a Mamom [Mateus 6:24; Lucas 16:13], e ainda assim a indústria da música comercial cristã tenta, por sua própria estrutura, fazer exatamente isso.

Feitas estas acusações incisivas, devo acrescentar que não acredito que as pessoas que trabalham na indústria da música cristã sejam vilãs. Não há nenhuma conspiração aqui, apenas mundanismo puro. Se fôssemos procurar malfeitores neste quadro, estes seriam os pastores, os anciãos, os bispos e os professores de seminário que, conforme a tecnologia por trás desta música comercial foi surgindo, não conseguiram perceber como a música é essencial para o ministério da Palavra. Eles deixaram um buraco que os interesses empresariais estavam muito dispostos a preencher. Em outras palavras, a tecnologia da música criou um novo nicho de mercado de entretenimento, enquanto as autoridades eclesiásticas ficaram paradas e foram pegas de surpresa.

Objecções Comuns

A primeira objeção é mais ou menos assim: "Mas todas as pessoas que trabalham nessas empresas não são cristãs, e não querem servir ao Senhor com sua música?" Sim, suas intenções podem ser boas. O problema não são as suas intenções, mas sim seus canais de prestação de contas. Há pouco potencial para a disciplina eclesiástica quando essas pessoas disseminam algum ensinamento marginal ou totalmente falso (o que ocorre com mais frequência do que normalmente nos importamos em admitir). Sempre que alguém ensina na igreja, como a música cristã certamente faz, essa pessoa apresenta um ponto de vista rebaixado da depravação do homem quando seu ministério de ensino é responsável perante os investidores ao invés das autoridades eclesiásticas. [34] Então, não é nenhuma surpresa o fato de haverem lapsos morais de alta visibilidade dentro da indústria da música cristã, os quais são tratados com resultados inconsistentes. [35] E esta crise já nos ultrapassou, porque a nossa disciplina eclesiástica é frouxa e somos negligentes em proteger a pureza doutrinária da igreja através do seu componente musical do ministério da Palavra. Isto é o que acontece quando removemos a autoridade externa das Escrituras e das autoridades eclesiásticas ordenadas de acordo com estas Escrituras.

A segunda objeção pode ser expressa assim: "A música pop não é apenas a música popular da atualidade?" Esta é, na realidade, uma boa objeção, uma vez que formas musicais pop geralmente se assemelham às formas musicais populares. Se, no entanto, tivermos em mente que a elegância da forma e a beleza não são os principais objetivos da música popular, a diferença entre a música popular e a música pop vai ficar mais clara. [36] Nosso Deus é, no mínimo, tão preocupado com o porquê fazemos algo quanto com aquilo que fazemos. Pois do coração "procedem as fontes da vida" (Provérbios 4:23). Lembre-se, a cultura popular é essencialmente comunitária. A cultura pop é essencialmente orientada ao lucro. A música cristã contemporânea é uma indústria de meio bilhão de dólares por ano.

Houve uma época em que a música cristã contemporânea foi música popular: uma época em que um bando de hippies na Capela do Calvário e na Igreja da Bíblia da Península compraram guitarras, aprenderam alguns acordes e, em seguida, impulsionados pela gratidão que transbordava de seus corações, começaram a criar expressões simples de sua fé. O trabalho deles não era especialmente forte, seja musicalmente ou textualmente. Ainda assim, este trabalho nasceu na integridade de uma comunidade cristã. As primeiras canções de louvor Maranatha mostram as bordas irregulares características da música feita pela primeira vez em uma garagem, com pouco interesse em um futuro estrelato na cultura pop. [37]

Um movimento semelhante ocorreu durante um período de duzentos anos na Reforma da Alemanha. Durante esse tempo, cerca de 100.000 hinos foram escritos! [38] Comparativamente poucos deles estão conosco hoje, e a maioria foi gentilmente esquecida. Essa época nos legou hinos como "Castelo Forte é o Nosso Deus" [HASD nr. 33], "Now Thank We All Our God", "Bendito Seja Deus" [HASD nr. 25], "All Praise to God, Who Reigns Above" e "Sejas Louvado" [HASD nr. 7] Sugiro que não poderíamos ter esses belos hinos, se não houvessem existido os outros 99.500 que rapidamente foram para o cesto de lixo. Temos o relato de que as canções de Salomão somaram a mil e cinco (I Reis 4:32). O que aconteceu com elas?

O ponto chave é que aquilo que é bom geralmente vem misturado no meio de uma multidão de mediocridades necessárias. Por esta razão, devemos incentivar aqueles que querem louvar a Deus e edificar os santos fazendo músicas novas, mesmo que essas canções muitas vezes pareçam vazias e insípidas. A música não é canônica. Podemos colocar de lado, com o passar do tempo, músicas de adoração que sejam fracas. Tradições invioláveis são ídolos. Tradições que mantêm o que é bom e acrescentam de maneira criteriosa o que é novo são vivas e saudáveis. Deveríamos ver a música do *Jesus*

People no final dos anos 1960 e início dos 70 como um desenvolvimento saudável, mesmo que muito pouco dela poderia ser usado na adoração congregacional atual.

Finalmente, há uma lição sombria escondida sob o surgimento desses 100.000 hinos luteranos, e que é esta: A última fase da hinódia Luterana nasceu no interior do Pietismo, o movimento que colocou uma grande ênfase sobre a forma como uma pessoa se sentia como sendo um sinal de ortodoxia. Pietismo, com sua centralização no homem, abriu as portas da igreja para o Iluminismo, e com o Iluminismo, os escritores luteranos de hinos foram completamente silenciados. Não é por acaso que J. S. Bach (1685-1750), cuja vida corresponde à ortodoxia luterana tardia, escolheu preponderantemente textos de hinos luteranos primitivos para suas cantatas. Ele era um homem piedoso e apaixonado, mas não era pietista. E assim, uma das ironias amargas da história é que Richard Wagner foi batizado em 22 de maio de 1813, na igreja de Bach, São Tomé, de Leipzig. O clero iluminista luterano não exorcizava mais as crianças no batismo, porque eles passaram a acreditar que a natureza original do homem é boa, e o mundo pagou um preço caro pelo luteranismo impotente de 1813. Richard Wagner, provavelmente mais do que qualquer outro homem, foi responsável por popularizar o "mito ariano". Está tudo lá em alemão simples, no livro *Mein Kampf*, de Hitler.

Antes que os reformados sejam tentados a vangloriar-se sobre a aparente impotência de uma cosmovisão Luterana, deve ser lembrado que, de acordo com Abraham Kuyper, a Igreja Reformada Continental estava cambaleando ao mesmo tempo, por praticamente as mesmas razões. Com as guerras religiosas dos séculos XVI e XVII atrás de si, a igreja baixou sua vigilância e um inimigo maior, porém mais silencioso, na forma do Iluminismo, a sitiou e deixou muitas vítimas.

Discursando na Conferência das Confissões Evangélicas, Robert Godfrey lamentou nosso recente movimento em favor de uma vida eclesial orientada por técnicas. Ele disse:

“O problema é que, quando se ultrapassa as fábulas sobre as novas e emocionantes conquistas, as evidências para o sucesso evangélico, infelizmente, estão em falta. A América não está experimentando um renascimento da fé ou santidade. Os cristãos podem estar se mudando de uma congregação para outra, mas o cristianismo não parece estar crescendo de uma maneira global.”

Godfrey passou então a apoiar essa afirmação com estatísticas de George Barna observando que "nos últimos cinco anos a frequência à igreja na América diminuiu de 49% para 37%." [39] Evidentemente, não temos a distância histórica necessária para avaliar as nossas circunstâncias. Ainda assim, suspeito que estamos assistindo em nossos dias o mesmo tipo de rápido declínio que a igreja experimentou ao ingressar no Iluminismo. Além disso, talvez nenhum agente tenha sido mais eficaz em precipitar o declínio atual do que o nosso apetite pela música pietista.

A Grande Revolução da Música Eclesial Contemporânea

Conforme a música do *Jesus People*, na década de 1970, cresceu em popularidade, a sua viabilidade comercial desencadeou uma metamorfose, que a removeu do controle local, dentro da comunidade de uma igreja local, para um controle corporativo. Agora estamos diante de igrejas de todas as denominações comprando indiscriminadamente materiais da Hosanna! Music. [40] [i] Em qualquer domingo, é totalmente possível que as congregações da Aliança Cristã e Missionária, da Igreja Metodista Unida, do Sínodo da Igreja Luterana do Missouri, da Igreja Presbiteriana na América, da Convenção Batista do Sul, e da Igreja Evangélica Livre, cantem músicas da Hosanna! Music, através da coletânea de louvor e adoração amplamente distribuída, chamada *Come and Worship* (Vinde e Adorai). [41] Considere a música nr. 64, de Ramon Pink "Highest Place" (O Lugar Mais Alto). No topo da página em itálico estão as palavras de Filipenses 2:9: "Por isso, também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu um nome que é sobre todo o nome." Abaixo deste texto está o título, em seguida, as palavras e a música que diz:

Nós O colocamos no lugar mais alto,
pois Tu és o grande Sumo Sacerdote;
Nós O colocamos no alto acima de tudo,
e chegamos a Ti e adoramos aos Seus pés, etc. [42]

Esta letra transmite um ensinamento que é difícil de separar de uma heresia defendida pelo manifesto "Filhos de Deus", o qual defende a posição de que a igreja é a encarnação de Deus e, portanto, deve "assumir o domínio" - politicamente e de outras formas, antes que Cristo possa voltar. [43] É o

equivalente do refrão "clame-e-exija" no nível congregacional, ao invés do nível individual. Em ambos os casos, é claramente uma heresia, pois somente Deus trazer as coisas à existência através da fala. Nós não elevamos Cristo; Ele nos eleva.

Exemplos de heresia explícita, como caso da letra de Ramon Pink em "Highest Place", são a exceção, não a regra. O maior problema com a música cristã comercial não é o que é dito, mas sim, **o que não é dito**. Hosanna! Music, com suas raízes profundas no pós-milenismo Pentecostal, tem uma forte ênfase em Deus como nossa rocha, fortaleza, torre forte, e poderoso guerreiro, à custa de outras doutrinas essenciais. Eles vêem Jesus principalmente como um herói, uma espécie de Arnold Schwarzenegger cristão que derrota os demônios. E os demônios, e não a nossa própria depravação, são então percebidos como a principal fonte do mal. Agostinho teve que negar o maniqueísmo e o seu próprio pecado diante de Deus, não colocando a sua culpa em alguma terceira pessoa sobrenatural, e ainda assim, através da ficção popular e da música comercial, estão falando à nossa carne aquela mentira cada vez mais excitante, "Alguém te levou a cometer o mal".

A música cristã comercial muitas vezes deixa a eficácia do sangue de Jesus em uma posição ambígua. Nem sempre é claro se o sangue deve ser compreendido como a propiciação pelos nossos pecados ou um talismã para nos proteger contra catástrofes físicas, tais como acidentes de automóvel e câncer. Na verdade, as letras das músicas cristãs comerciais raramente são refinadas em um cadinho doutrinário, rendendo-se, ao contrário, às exigências de sistemas rígidos de rima e formas musicais/arquitetônicas populares. Tal prática transmite a mensagem de que as palavras exatas não são importantes: o ouvinte vai ler nas entrelinhas e preencher o significado que achar melhor. Como a Rainha disse para Alice: "A palavra significa aquilo que eu digo que significa." [j]

Enquanto [a empresa] Hosanna! Music gasta uma energia considerável em um cristianismo vitorioso combativo, [a empresa] Vineyard Music se concentra mais em como nos sentimos, deixando-nos com uma imagem de Jesus como um grande psicoterapeuta acenando uma varinha mágica. É a teologia perfeita para a era de vitimização.

Os dois modelos, tanto de Deus como líder de uma gangue espiritual quanto o de Deus como uma prótese psicológica, são apelativos – e também são comercializáveis. Infelizmente, o evangelho é ofensivo. É uma pedra de tropeço. O fato de que Cristo morreu pelos pecadores, segundo as Escrituras é o verdadeiro artigo estrutural da nossa fé. A justificação somente pela graça através da fé não significa nada, se Cristo não morreu e ressuscitou dentre os mortos para a nossa salvação. O castigo capital e transferível de Jesus é a "porta estreita" de John Bunyan [k] E, no entanto, o sacrifício de sangue pelo pecado, aquela doutrina que mostra o quão repugnante nossa depravação realmente é, visivelmente recebe pouca atenção na música cristã comercial. Ela simplesmente não vende muito bem

Existem muitas razões pelas quais todos os tipos de igrejas estão adotando a música cristã contemporânea comercial sem qualquer crítica. Entre elas existe uma forte suposição ingênua de que a cultura pop é realmente a cultura popular. Elas estão confiando, quando deveriam estar fugindo.

Então, O Que Devemos Fazer?

Assim como David Wells, "Começo por reservar minhas mais profundas suspeitas para aqueles que querem respostas para as dificuldades que mencionei. O desejo por respostas é bastante inocente, mas o espírito no qual elas são exigidas muitas vezes não é." [44] O fato é que o problema na música de adoração são profundos e multifacetados. Eles têm crescido de maneira constante ao longo de um quarto de milênio, e não serão resolvidos da noite para o dia. Na verdade, as sugestões que estou prestes a oferecer são apenas o ponto de partida, visto de forma muito obscura através de um vidro.

Precisamos reconhecer que existem muito poucas tradições de música de adoração atuais que, efetivamente, inculcam a palavra de Cristo musicalmente a ponto de Sua palavra habitar em nós ricamente. Algumas tradições são piores que outras, mas Deus não irá nos abençoar por confessarmos os pecados de outros cristãos. O perigo profundo aqui, como tantas vezes foi evidenciado por congregações que excluíram ferozmente a música cristã contemporânea, é que a reforma não pode ocorrer em casa. Se minha congregação está focada nos males da invasão da música comercial, não estamos direcionando nossa atenção para os males de nossas próprias práticas. Portanto, **o primeiro passo é se arrepender e clamar pela misericórdia de Deus**. Eu iria mais longe ao dizer que, se essa etapa não for levada a sério e

de maneira continuada, não há qualquer razão para esperarmos a bênção de Deus sobre os nossos esforços, nem há qualquer razão para tomar as medidas que estou prestes a propor.

O próximo passo é examinar todas as músicas de adoração utilizadas especificamente pela congregação local para ver que tipo de ensino, que tipo de advertência, e que tipo de gratidão a Deus pode ser visto em toda esta coletânea de músicas. Existem todos os tipos de estruturas pré-formadas que poderão nos ajudar neste trabalho. Quer nossas congregações as usem liturgicamente ou não, ou mesmo se forem de diferentes convicções doutrinárias, acredito que sejam, de qualquer maneira, úteis na obtenção de uma visão abrangente sobre nossas próprias práticas específicas. Quando lemos o mandamento para honrarmos pai e mãe, certamente isso se estende a sábios e santos fiéis do passado. Estes antepassados produziram muitos modelos admiráveis e abrangentes de ensino doutrinário que fariam bem em empregarmos na avaliação de nossa própria diligência. Tal conjunto de ferramentas podem incluir o *Credo dos Apóstolos*, o *Credo de Nicéia*, os *Trinta e Nove Artigos Anglicanos*, o *Catecismo Menor de Lutero*, a *Confissão de Fé de Westminster*, o *Catecismo de Heidelberg*, o ano eclesástico, lecionários, a *Teologia Sistemática* de Berkhof, e assim por diante. [1] Claro que a Bíblia é o documento mais proeminente nesta matéria. No entanto, estaremos demonstrando uma arrogância lamentável se desprezarmos a sabedoria de pessoas que provavelmente compreenderam as Escrituras mais profundamente do que nós.

A sabedoria da prudência nos encoraja a reduzirmos o consumo de música cristã comercial. À primeira vista, esta medida pode parecer draconiana, em parte porque vai nos forçar a criarmos em casa a nossa própria música contemporânea de adoração, e o fato claro continua sendo que a alfabetização musical caiu a um nível tão baixo que dificilmente se podem encontrar compositores habilidosos nas congregações locais. A igreja local terá que revisar seus pontos de vista à luz desta falha e tomar medidas para remediá-la. Conforme a música de adoração começar a exercitar seus músculos bíblicos, iremos descobrir rapidamente que nossa alfabetização musical em geral é terrivelmente inadequada para a tarefa. [45] Vai demorar uma geração ou duas, milhares de horas de estudo de música e muitos dólares para remediar esta situação. A igreja deixou o trabalho de educação musical para a escola pública e ao capricho da aspiração de indivíduos, e a escola pública, compreensivelmente, não treina músicos de muito bons para a adoração [m].

Teremos que rever a forma como gastamos nosso tempo na adoração congregacional. A cada domingo, teremos que nos perguntar: "Será que o ministério da música hoje fez com que a palavra de Cristo habitasse em nós ricamente?" "Será que ensinamos e admoestamos uns aos outros com salmos, hinos e cânticos espirituais?" "Será que cantamos com gratidão em nossos corações a Deus pela obra consumada de Cristo na cruz?" Meu palpite é que iremos descobrir rapidamente que não cantamos juntos o suficiente para cumprir essas exigências bíblicas. Um dos cânones do movimento de crescimento da igreja é que os cultos que passam de uma hora não são sensíveis aos que estão procurando uma igreja e, portanto, devem ser evitados a todo custo. Existem 168 horas em uma semana. O que podemos dizer sobre o senhorio de Cristo, quando gastamos apenas uma delas na adoração congregacional?

Até agora, os pastores que estão lendo este ensaio devem estar se sentindo um pouco desolados. As propostas sugeridas estão atingindo proporções hercúleas. Alguns podem estar pensando: "Como a tia Madalena, que toca piano de forma voluntária (e não muito bem), vai se adequar a isto?" Outros podem pensar: "Puxa, os universitários eu já contratei para a banda de louvor não têm a menor noção sobre essas coisas." Ainda outros podem pensar, "Eu vejo minha responsabilidade pastoral pela fiscalização dessa tarefa, mas já estou sobrecarregado de trabalho e não tenho o orçamento para contratar um músico de adoração de verdade, mesmo se eu pudesse encontrar um. Além disso, o pouco de educação musical que eu tive não me preparou para lidar com nenhum desses problemas."

O peso da carga da música de adoração que descrevi não pode ser carregado por muitos pregadores. O músico de igreja bíblico tem o ministério da Palavra e oração assim como o pregador do púlpito, mas com meios musicais. Ele precisa de um treinamento semelhante ao do pregador. Ele precisa operar sob as mesmas normas de prestação de contas e análise doutrinária, assim como o pregador. Assim como o boi e o pregador, ele não deve ser amordaçado enquanto está debulhando o cereal. [n] Há uma noção romântica peculiar por aí afirma que os músicos fazem música porque amam a música, que são tão motivados que fariam música sob quaisquer circunstâncias. Sim, os músicos são estranhos, mas eles e suas famílias comem comida de verdade como todo mundo.

Para o pastor sobrecarregado eu digo duas coisas: Tenha uma visão de longo prazo, e tome coragem. Existem algumas medidas que o pastor pode tomar imediatamente.

Em primeiro lugar, retomar a autoridade eclesiástica sobre a música e sobre cada palavra cantada no culto comunitário e nos pequenos grupos. Quando for abordado por um projeto musical especial doutrinariamente inadequado (geralmente uma faixa de acompanhamento [play-back] de algum artista cristão comercial favorito), o pastor deve ser capaz de dizer, como fez Erik Routley, "Você não pode ter isso, porque não é bom para você." [46] Lembre-se, música de adoração é uma questão de orientação pastoral.

Em segundo lugar, os pastores devem denunciar veementemente a noção amplamente difundida de que o entretenimento é bom, enquanto o tédio é ruim. Gene Edward Veith ressalta que a palavra "entediado" não entrou no vocabulário Inglês até o Iluminismo no século XVIII. [47] Além disso, Veith diz que o conceito bíblico correspondente ao tédio é preguiça. Em outras palavras, o tédio é primariamente um problema do ouvinte, não do pregador [o]. Até que este ponto seja estabelecido, muito ensino bíblico e admoestação permanecerão fora dos limites.

Em terceiro lugar, reconhecendo que as listas de leitura dos pastores já estão sobrecarregadas, vou restringir a minha recomendação de leitura a um pequeno livro, "Disciplinando o Ministério da Música", de Calvin Johannson. [48] Um homem sábio certa vez disse, "emprega tudo o que possui na aquisição de entendimento." (Provérbios 4:7). O modesto volume de Johannson catapulta o pastor à compreensão [deste tema].

Em quarto lugar, os pastores fariam bem ao registrar reclamações junto a seus seminários acerca do espaço minúsculo e às vezes inexistente que a música ocupa no currículo da formação em Mestre em Divindade. Se o canto congregacional é uma parte integrante do ministério da Palavra, então certamente os currículos dos seminários deveriam refletir esta condição com uma oferta substancial de cursos obrigatórios. Da forma como está, seminários evangélicos têm um histórico caótico com relação a este aspecto da formação ministerial, e pastores jovens geralmente descobrem sua inadequação nas primeiras semanas em suas igrejas.

Em quinto lugar, na vida congregacional faríamos bem em promover coros de crianças, tendo como objetivo principal o ensino de textos dos grandes hinos. Sim, os grandes textos dos hinos antigos é o que deveríamos estar ensinando, pois até algum tempo durante o século Dezoito, a esmagadora maioria dos textos dos cânticos cristãos foram escritos por ministros ordenados da Palavra. Estes textos refletem a profundidade da sua formação teológica. Desde aquela época, tem ocorrido um declínio acentuado na proporção de textos de cânticos produzidos por ministros da Palavra, em relação àqueles escritos por leigos auto-ordenados para a tarefa. A questão é tão extrema agora que qualquer um que saiba meia dúzia de acordes num violão e consiga produzir rimas como as de cartões da Hallmark [p] é considerado qualificado para exercer esse componente do ministério da Palavra, independentemente da formação e qualificação teológica. Para o bem-estar espiritual das nossas crianças, elas devem aprender os grandes hinos antigos pré-revivalistas. É incrível como muitas crianças gostam das canções do Sr. Rogers [q]. As crianças se aculturam àquilo que é colocado diante delas. Lembre-se que a música de adoração é uma questão de orientação pastoral.

Sexto, devemos desenvolver músicos de adoração dentro das quatro paredes da igreja sob os olhos teologicamente vigilantes dos pastores. Sou imediatamente forçado a emitir uma palavra de cautela aqui: É verdade que o violão pode servir a algum uso, de forma limitada, e devemos nos alegrar em termos violões quando este é o melhor que podemos fazer. Ainda assim, instrumentos de teclado apresentam uma versatilidade musical muito maior. Os violonistas são fisicamente limitados pela própria natureza do instrumento com relação ao número de tonalidades que podem utilizar. Com frequência esta limitação muitas vezes força a música para além do alcance no qual a congregação pode cantar melhor. Um capo [r] pode remediar esta situação um pouco, mas introduz novos problemas de afinação e enfraquece um timbre já fraco, de forma que o som do instrumento se aproxima do som de um cavaquinho de brinquedo. Instrumentos de teclado, por outro lado, podem acompanhar a melhor tonalidade para o cântico congregacional, sendo limitados apenas pela habilidade do instrumentista em ler a música ou em transpor. Não existe um obstáculo físico pressuposto.

Congregações deveriam investir seriamente na educação continuada de músicos. Deveríamos considerar pagar por aulas de piano, bem como instrução em teoria musical e contraponto. A teoria da música é para

a música aquilo que a hermenêutica é para a teologia. O contraponto é para a música aquilo que a lógica é para a filosofia. Temos uma crise na música da igreja, porque essas disciplinas não fazem parte da vida e da respiração dos nossos músicos. Lembre-se que a música de adoração faz parte do ministério da Palavra. Ficaríamos chocados com um pregador que tem uma leitura a um nível de terceiro grau e não compreende a gramática. Nós prejudicamos o ministério da Palavra quando deixamos nossos músicos despreparados.

Se todas estas medidas fossem implementadas, eu não esperaria resultados instantâneos e sensacionais. Ainda assim, se nos preocupamos com filhos de nossos filhos, penso que precisamos tomar as medidas duras e disciplinadas a partir de agora. Precisamos orar seriamente, "Venha o teu reino, Seja feita vossa vontade assim na terra como no céu." Melhor ainda, podemos considerar a cantar esta oração. [49]

=====

Notas Bibliográficas

1. É justo falar de grande parte da nossa experiência musical como 'virtual' porque a maior parte dela vem a nós através de gravações, que podemos re-experimentar exatamente da mesma forma um número ilimitado de vezes.
2. *The Closing of the American Mind* (New York: Simon & Schuster, 1987), 68.
3. Colossenses 3:16.
4. Poucos adultos serão capazes de realizar este estudo. Devemos começar com nossos filhos, e cristãos que estejam adotando a educação clássica estão na melhor posição para resolver esta crise. A música é uma das sete artes liberais. No entanto, apresso-me a acrescentar que estamos falando aqui principalmente de *teoria musical como uma disciplina matemática*, não no sentido da execução ou da apreciação da música. Alguma habilidade de execução musical básica é necessária para uma interação significativa com a teoria da música. Isso incluiria a leitura à primeira vista e habilidades básicas no teclado. Muitos músicos da igreja hoje são deficientes na leitura à primeira vista ou nas suas habilidades no teclado, e a maioria tem apenas um conhecimento passageiro das riquezas da teoria musical.
5. Charles Garside, *Zwingli and the Arts* (New Haven: Yale University Press, 1966), 40.
6. Mateus 6:9.
7. Ulrico Zuínglio, *Interpretation and Substantiation of the Conclusions* (350, 2-6) como citado em Garside, *ibid.*, 45.
8. *Ibid.*, 37.
9. *Confissão de Fé de Westminster XXI .5* (Atlanta: Comitê de Educação Cristã e Publicações, 1990).
10. Cf. Bard Thompson, *Liturgies of the Western World* (Cleveland: William Collins Publishers, 1979), 199.
11. Charles Finney sustentava que o reavivamento não era um milagre do Espírito Santo, mas sim a consequência natural da "correta utilização de meios." Quando não vemos a pregação dar os resultados que achamos que deveria dar, somos tristemente tentados da mesma maneira a alterar os outros componentes do culto comunitário, como meios para alcançar um fim. Muito acerca do movimento de crescimento de igrejas pode ser compreendido dessa forma.
12. O antigo gnosticismo era uma heresia escorregadia que fugia de qualquer definição. No mínimo, entanto, o gnosticismo engloba um conhecimento secreto, um conhecimento que é obtido de forma mais intuitiva do que objetiva. Para uma boa exposição do Gnosticismo, ver o livro de Peter Jones *The Gnostic Empire Strikes Back* (Phillipsburg: Presbiteriana e Reformada, 1992).

13. *All God's Children and Blue Suede Shoes* (Wheaton: Crossway, 1989), 186. Myers nota, um pouco ironicamente, que "os evangélicos parecem ter mais em comum com relação às armadilhas sentimentais associadas à fé do que em definir o que é a natureza da fé." Em outras palavras, o que os evangélicos têm em comum é um tipo de gnosticismo.
14. A disciplina da Estatística é a lei canônica incontestável do movimento de crescimento de igrejas.
15. Estes pontos em particular não são sem importância e, portanto, lançam luz sobre a antiga questão, "os títulos dos Salmos são canônicos?" Para Lutero, eles eram o primeiro versículo.
16. Precisamos apenas pensar nos hinos "We All Believe in One True God, Father", de Tobias Clausnitzer, ou "Wake, Awake, for Night Is Flying" de Philip Nicolai, ou "Isaiah, Mighty Seer, in Spirit Soared" de Martinho Lutero.
17. Alternativamente chamado "When We Walk With the Lord". Sammis viveu de 1864 a 1919. Este hino encontra-se em muitos hinários. Não é surpreendente encontrá-lo em coleções evangélicas comerciais abrangentes. Ele faz parte, adequadamente, dos hinários metodistas, pois se encaixa bem na teologia metodista. É intrigante, no entanto, encontrá-lo como nr. 672 do *Trinity Hymnal*, de 1990, um projeto conjunto da Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos e da Igreja Presbiteriana Ortodoxa. Se o mesmo zelo pela correção, demonstrado nos livros de ordem de estas duas igrejas, existisse no fornecimento de textos de hinos, o conteúdo seria bem diferente. Algumas congregações Presbiterianas possuem hinários evangélicos abrangentes, que custam menos do que o *Trinity Hymnal*. E quem pode culpá-los quando as distinções doutrinárias não estão claras?
18. Este é o espetáculo que Asafe contempla no Salmo 73.
19. Número 33 no hinário *Praise*, Maranatha Music, 1983.
20. Notáveis exemplos desta prática poderiam incluir "As the Deer" de Martin Nystrom (Maranatha! Music, 1986), "Psalm 5" de Bill Sprouse (Maranatha! Music, 1986) e "This Is the Day" de Les Garreu (Scripture in Song, 1980).
21. Para sermos justos, poderíamos aplicar um teste semelhante para estilos tais como *rockabilly* ou *space music*.
22. Esta parte da história é a base da ópera de Richard Wagner, *Os Mestres Cantores de Nuremberg*.
23. Cf. Howard M. Brown, *Music in the Renaissance* (Englewood Cliffs, Prentice-Hall), 232.
24. Ulrich S. Leupold, ed. *Luther's Works* (Philadelphia: Fortress Press, 1965), 53:202.
25. A abordagem evangelística baseada em técnicas tem uma longa história. Charles Finney disse: "O sucesso de qualquer medida destinada a promover um reavivamento da religião, demonstra a sua sabedoria".
26. Um exemplo deste problema pode ser um conflito entre o conforto físico e clareza auditiva. O ruído de um sistema de ar condicionado, embora não seja conscientemente audível, vai competir com o espaço auditivo ocupado por consoantes sibilantes, prejudicando a audição da Palavra, pois são estas consoantes que tornam a fala clara. Uma vez que a fé vem pelo ouvir, esse tipo de tecnologia deveria ser preocupante, e ainda assim as expressões mais peculiares se levantam com a sugestão de que ter vinte e oito graus dentro da nave da igreja é um preço razoável a pagar pela percepção auditiva clara.
27. Lutero traduziu a palavra "trabalho" como "poesia".
28. Por "música popular", não devemos automaticamente pensar no estilo de James Taylor ou Gordon Lightfoot, ou de violões, apitos de lata e tambores celtas.

29. Como Platão, Clemente de Alexandria, Isidoro de Pelúcio, Basílio, o Grande, e João Crisóstomo, todos tinham coisas muito negativas a dizer sobre o aulos, um instrumento associado com Baco. O aulos era um tipo de oboé duplo, cuja coloração tonal pode ter se aproximado do nosso saxofone moderno. É um esforço à imaginação ver esses pais da fé aprovando o uso do aulos por causa de uma suposta sensibilidade evangelística.
30. 06 de fevereiro de 1995, 77.
31. Recentemente fui convidado de um talk show onde uma pessoa ao telefone levantou a noção de que boas formas estéticas devem vir em grupos de seis, com uma espécie de pausa estrutural que representaria o sétimo dia. Outra pessoa afirmou que o órgão era (de forma quase sagrada) o instrumento correto no culto comunitário porque esse era o instrumento que mais se assemelhava à voz humana e a voz humana, afinal de contas, destina-se a louvar a Deus. Fui obrigado a informá-lo que, na verdade, o saxofone é o instrumento que mais se parece como a voz humana. (E eu não gosto muito de saxofone). A arte erudita é muitas vezes vítima deste tipo de carona teológica. Não podemos compreender a estrutura das enzimas, aplicando alguns pressupostos externos, provenientes das Sagradas Escrituras. Não, devemos compreender as enzimas estudando enzimas. Da mesma maneira, não há nenhuma forma de entender a arte erudita, sem estudá-lo, e eu poderia acrescentar que falatório não constitui estudo. A humildade cristã é notavelmente ausente na maioria das opiniões sobre a arte erudita, principalmente sobre a arte erudita moderna.
32. "A Indústria da Música Cristã: Sob Nova Direção", *Worship Leader*, julho / agosto 1995, 29. Styli passou a citar o presidente da Benson Music, Jerry Park, como tendo dito recentemente: "O desafio é alcançar um crescimento real na medida que nossos proprietários esperam de nós. Temos que fazer um trabalho melhor em atrair novos compradores" (p.30) .
33. *Ibid.*, 30.
34. Há confortadoras exceções a essa regra, tais como Steve Camp, que submete suas letras a vários teólogos para um exame antes de lançá-las no mercado. Infelizmente este é o caso excepcional de um indivíduo buscando voluntariamente a ajuda da igreja ao invés do caso normativo da igreja exercer de forma proativa sua autoridade ordenada por Deus acerca da pureza doutrinária da igreja.
35. *Newsweek* publicou o caso de Michael English perante o mundo em detalhes e fatos explícitos, o que excedeu o tratamento contido da *Christianity Today*. (Cf. Paul O'Donnell e Amy Eskind, "God and the Music Biz", *Newsweek*, 30 de maio de 1994, 62-63.) Alguém poderia se lembrar do comentário de Natã para David, "com este feito deste lugar sobremaneira a que os inimigos do Senhor blasfemem" (II Samuel 12:14.). Tal como acontece com pastores caídos, a abrangência da influência determina o alcance necessário do arrependimento. Enquanto estava dando uma olhada nos CDs em minha loja local favorita de discos seculares, não pude deixar de notar uma gravação de Michael English pós-adultério, intitulada "Curas". Ele havia trocado da gravadora Warner Alliance (subsidiária cristã) para Curb Records (também uma subsidiária da Warner).
36. John Styli afirma que "música cristã contemporânea, falando de maneira geral, não é música de igreja" (op. cit., 29). E, contudo, a igreja é uma unidade popular, pois não é bom para o homem ficar sozinho. A ironia aqui é que quando os nossos irmãos ouvem muitas horas de música cristã comercial durante a semana (muitas vezes no isolamento privativo), passam a esperar e desejar esta música na adoração corporativa.
37. Este sentido simples de ministério e orientação pastoral foi substituído em grande medida por um *ethos* de estrelato. Em vez de a alegria frenética e artificial instigada por essa música, devemos vestir saco e cinza, em resposta a este desenvolvimento.
38. Veja Albert Edward Bailey, *The Gospel in Hymns* (Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1952), 309.

39. Como citado em Larry B. Stammer, "Church Attendance Falls to 11-Year Low," *Los Angeles Times*, 2 de março de 1996, B4ff. "Este artigo, diz Godfrey" foi baseado no levantamento do Grupo de Pesquisas Barna Ltda."
40. Integrity, da Hosanna! Music, uma empresa de capital aberto, orgulha-se ser o " produtor número um de cânticos de louvor e adoração da America."
41. Mibile, 1994.
42. Letra e música por Ramon Pink, *Scripture in Song*, 1983, administrado pela Maranatha! Music.
43. Christian Research Institute, perspectiva CP 0606.
44. *God in the Wasteland* (Grand Rapids: Eerdmans, 1994), 29.
45. Alfabetização musical completa inclui a capacidade de compor músicas a partir do zero, executar esta música, ou reger outros músicos, e de compreender teológica e historicamente o lugar desta música.
46. Como citado no Calvin M. Johansson, *Discipling Music Ministry* (Peabody: Hendrickson, 1992), 168.
47. *Tabletalk*, Novembro, 1995, 8.
48. Op. Cit.
49. Há muitos arranjos. Os dois que considero especialmente bons para o canto congregacional são "Holy Father, Hear Our Prayer", de John Fisher (FEL Publications, 1969) e "Our Father Who in Heaven Art", de Martinho Lutero.

Autor

O Dr. Leonard Payton serviu como músico-chefe da Igreja Presbiteriana do Redentor em Austin, Texas, desde janeiro de 1996. Recebeu seu mestrado e doutorado da Universidade da Califórnia, San Diego, e fez estudos avançados na Alemanha. Contribuiu para o livro *A Crise Evangélica Vindoura* (Moody, 1996), e é um colaborador freqüente com opiniões e artigos para o periódico *Reformation & Revival Journal*.

Traduzido por Levi de Paula Tavares em Dezembro de 2012

Notas do Tradutor

[a] – Sendo o autor um evangélico, é natural que cite o Domingo como dia de adoração, ao invés do Sábado do sétimo dia, conforme o mandamento.

[b] – Este hino consta do Hinário Adventista sob o número 301. Porém a letra que utilizamos não possui os erros teológicos apontados aqui. Por este motivo, para compreendermos melhor os argumentos do autor, estamos apresentando uma tradução literal (sem as rimas poéticas) do original em Inglês.

[c] – Mais uma vez, oferecemos uma tradução literal do original, para compreendermos melhor os argumentos do autor.

[d] – É perfeitamente plausível argumentarmos que também ocorre aqui um erro de tradução. Note-se que a palavra inglesa "bar" serve tanto para o local onde se vendem bebidas alcoólicas quanto para designar os compassos nos quais a música é dividida. No caso, "estilo de bar", pode

estar se referindo à divisão da música em compassos, utilizada na música secular da época, em oposição à música utilizada na igreja católica, no estilo do canto gregoriano, que não admite esta divisão.

[e] – O autor cita aqui algumas expressões comuns para o público americano e que utilizam a palavra “bar”, mas que não possuem relação entre si.

"*Bar oil*" é um lubrificante utilizado nas serras motorizadas para lubrificar a corrente, diminuindo o atrito com a lâmina.

"*Passing the bar*" é a expressão usada quando um advogado é bem sucedido no exame de admissão para praticar seu ofício em algum estado americano. Seria o nosso equivalente a passar no exame da OAB, com a diferença que nos EUA cada estado aplica seus próprios exames.

"*Bar Mitzvah*" é uma cerimônia pela qual passam os meninos judeus, com a idade de 12 ou 13 anos, a partir da qual são considerados adultos.

[f] – A questão que se levanta neste caso é: a quem estaríamos louvando com isto?

[g] – O termo “arte popular” deve ser compreendido como referindo-se à arte que surge normalmente de expressões espontâneas do povo; de cunho comunitário. Muitas vezes esta arte é denominada como “folclórica”.

[h] – O termo “arte pop” deve ser compreendido como referindo-se às formas de arte populares, excitantes, de cunho eminentemente comercial, fruto da indústria de entretenimento.

[i] - Hosanna! Music é uma subsidiária de uma gravadora de Música Cristã Contemporânea. Faz parte do Grupo Integrity Music, que tem sua sede em Mobile, Alabama.

[j] - Ver *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carrol

[k] – Ver *O Peregrino* de John Bunyan

[l] – Nesta área, os Adventistas do Sétimo Dia contam com os preciosos escritos de Ellen G. White.

[m] – Acreditamos que a situação no Brasil é ainda mais triste, uma vez que atualmente a escola pública não fornece, via de regra, qualquer treinamento musical, nem mesmo o mais básico.

[n] – Ver Deuteronômio 25:4; I Coríntios 9:9-10; I Timóteo 5:17-18.

[o] – Veja o artigo "Tédio Tem Mais a Ver Com Você do Que Com a Situação", em <http://musicaeadoracao.com.br/50165/tedio-tem-mais-a-ver-com-voce-do-que-com-a-situacao/>

[p] – Hallmark é uma marca famosa de cartões de felicitações prontos, comprados em papelarias, os quais normalmente possuem rimas óbvias e piegas.

[q] – Fred McFeely Rogers (1928 — 2003), mais conhecido por Fred Rogers ou por Mr. Rogers, foi um pedagogo e artista norte-americano, que se notabilizou como autor de letras para canções educativas e apresentador de programas televisivos infanto-juvenis. Ao longo de mais de trinta anos de uma carreira voltada especialmente ao público infantil, tornou-se um ícone cultural americano. Para mais informações, veja http://en.wikipedia.org/wiki/Fred_Rogers

[r] – Também conhecido como capotraste, traste, trastejador, braçadeira ou pestana fixa, é um dispositivo usado para prender as cordas de um instrumento em um ponto fixo, virtualmente “encurtando” seu comprimento, tornando seu som mais agudo. É utilizado como um auxiliar para a transposição em instrumentos de corda como o violão, bandolim, guitarra ou banjo.

=====

Fonte: <http://www.the-highway.com/articleJuly98.html>